

PASTILHAS VALDA

Quando Rosa Mônica nasceu numa cidadezinha do agreste nordestino, sua mãe ficou preocupada com as seguidas crises de dor de garganta da menina. Acostumou-se a passar sempre Vic Vaporub e ainda criança, dava-lhe uma latinha de pastilhas para garganta da marca Valda. Como Rosa Mônica andava pra todo lado com a latinha na mão, logo a molecada chegada num “bulingue” que ainda nem sabiam o que era, a apelidaram de Valda e assim ficou para todo o sempre. Na adolescência, mudou-se com a família para uma capital nordestina e logo migrou para o sul do país, para trabalhar e estudar. Mesmo assim, o apelido a perseguiu, inseparável como sua latinha de pastilhas.

Acabou se fixando numa importante cidade do interior paulista onde começou a namorar um bancário com quem acabou casando. Levava uma vida simples, sem grandes sobressaltos mas também sem grandes sonhos. Era do lar, o marido ganhava o suficiente pra viverem. Via os programas de TV, cozinhava, limpava a casa, arrumava as roupas, cuidava do único filho que teve. O marido bancário tampouco tinha grandes pretensões, levava a vida sem maiores dúvidas, da agência bancária pra casa e da casa ao trabalho. Aos finais de semana, iam à casa da mãe dele, que preparava lautos almoços domingueiros.

No entanto, uma tragédia se abateu sobre a família. O marido ainda jovem descobriu um tumor, que o levou rapidamente. De repente, ela ficou sozinha com o filho e com a necessidade de tocar a vida e as finanças. O que ela não sabia é que, por ser um banco estatal, a boa pensão e os benefícios do marido era bom dinheiro, passou a administrar uma pequena e inacreditável fortuna para seus padrões. Rosa Mônica então mudou. Colocou o filho numa boa escola e começou a realizar sonhos reprimidos.

Primeiro, mudou tudo. O guarda-roupa cresceu em quantidade e encolheu em tamanho, passou a usar shorts minúsculos como das dançarinas do “É o Tchan” e saias mínimas para sair às ruas. Passou a frequentar o clube da cidade e a piscina com biquínis minúsculos de tirar o fôlego dos adolescentes cheios de testosterona. Também passou a tomar umas cervejas no bar do clube com novas amigas. Começou a fazer extravagâncias. No dia do casamento de uma amiga, comprou uma passagem de ida e volta de avião pra capital só para “fazer os cabelos” no mesmo cabeleireiro do Silvio Santos, além de encomendar o vestido da festa ao famoso estilista Denner. Tudo sem nunca deixar de lado sua latinha de pastilhas Valda.

Assim, resolveu ir conhecer a França, de onde veio a pastilha. Tudo começou em 1902 quando o farmacêutico Henri-Edmond Câne criou as “Pastilles Valda”, um dos primeiros produtos farmacêuticos industrializados do mundo. Por conter uma substância antisséptica, as pastilhas eram capazes de combater as doenças respiratórias que apavoravam a população naquela época. O sucesso das pastilhas correu mundo. Chegaram ao Brasil em 1914 através de importadores que foram atrás de uma milagrosa pastilha de formato inovador, de cor verde, vendida em latinhas e que provocava uma deliciosa sensação de alívio às gargantas irritadas. Lá, ela conheceu um francês que tomou todo seu dinheiro e voltou pro Brasil poucos anos depois com uma mão na frente e outra atrás. Numa delas, carregava uma latinha de pastilhas.

Mauro Ferreira é arquiteto